

# As gôndolas de Florença...

O Criador, até agora, tem-se mostrado parcimonioso no rol de talentos e virtudes que concede a cada homem. Mesmo aos mais geniais. Uma certa senhora vivia se queixando de seu marido por ele ser indelicado e inconveniente na convivência social. “O problema do Sig é que ele simplesmente não sabe compreender as pessoas...” O Sig a que ela se referia era ninguém menos do que o criador da psicanálise, Sigmund Freud...



**Sabe, sr. presidente, que ninguém, até agora, entendeu a sua viagem à Itália?**

Por outro lado, a sra. Einstein divertia-se com a personalidade distraída de seu marido: “Sabe da de hoje do Albert? Ficou três horas divagando, sentado na sala, simplesmente porque eu não coloquei seus sapatos no lugar de sempre.”

Todo o exposto acima o foi tão-somente para não magoar o presidente FHC. Considero-o um dos homens mais inteligentes e cultos de nosso país. Mas, infelizmente, gafes e tropeços ocorrem na vida de qualquer um.

Sabe, sr. presidente, que ninguém, até agora, entendeu a sua viagem à Itália?

Uma das mais populares versões sobre o fato afirma que o senhor queria ir para Veneza, onde pretendia descansar, rever a Praça de São Marcos e dar um romântico passeio de gôndola com dona Ruth. Qual não teria sido a sua surpresa quando, já em vôo, ao revisar a agenda do Itamaraty, descobriu que sua viagem era para Florença, on-

de o senhor participaria de uma reunião de cúpula do G-7 e discutiria o tema da moda: a Terceira Via. Ora, nem o Brasil é opulento o suficiente para participar de reuniões do G-7 (os sete países mais ricos do mundo) nem o senhor teria um discurso convenientemente elaborado para despertar o interesse de seus colegas. Na dúvi-

da, o senhor teria aproveitado o fato de estar ali, na condição de convidado, para “marcar posição” perante todos os demais governantes que não tiveram tal privilégio.

Senão, como fazer para justificar sua viagem à terra dos Médicis?

Em algum momento o senhor percebeu que suas palavras (taxar, mundialmente, o capital financeiro) estavam um tanto fora do contexto naquela peculiar reunião?

O senhor propôs uma tese de James Tubin (Nobel de Economia em 1981): a de que, para evitar que os países sofram com a volatilidade do capital transnacional, a medida eficaz é criar um imposto à la Isof – recolhido e administrado por instituições internacionais –, visando, ao menos na teoria, a dissuadir os investidores “especulativos” de atuar no mercado global.

Ora, essa é uma proposta que nada tem que ver com o rol de preocupações dos estadistas dos países ricos, às voltas com o desemprego, com o custo insustentável de seus generosos sistemas de assistência e previdência social, etc.

Há quem diga, sr. presiden-

te, que o senhor deveria ter viajado é para Seattle, onde ocorre a Rodada do Milênio – de crucial importância para o futuro do comércio entre as nações.

A famigerada “Tubin tax” parece fazer sentido à primeira vista. Mas, na prática, é inútil, além de inibir também os investimentos realmente produtivos. Até porque não há como diferenciar o malvado “capital especulativo” do benéfico “investimento produtivo”.

Apesar da presença progressiva de capitais financeiros no comércio internacional (US\$ 1 trilhão por dia), ela ainda é pequena em comparação com as transações comerciais. E estas se dão na proporção de 6/10 no interior dos grandes blocos – Nafta, União Européia, Apec (asiática) –, de 3/10 entre esses grandes blocos e 1/3 entre os grandes blocos e as demais nações. Esse é o teor da rodada de Seattle. É triste, porém real. E é essa a nossa verdadeira arena de combate.

Outro aspecto importante é a característica dos recursos que alimentam o “mercado especulativo”. Os recursos institucionais (capital proveniente de fundos de pensão, em especial) já detêm, hoje, só de cotistas norte-americanos, mais de US\$ 300 bilhões. De quem é esse dinheiro, afinal? De milhares de senhoras idosas que contam com o lucro para sobreviver – esqueçamos os Soros, exceção à regra. Além dos capitais institucionais, a maioria dos fundos de investimento e hedge têm o seu capital composto por centenas, se não milhares de pequenos e médios investidores. Pouco importa se seus recursos são aplicados no Brasil, no Iraque ou em títulos do Tesouro americano. “Egoís-

tas”, todas essas pessoas só estão interessadas no lucro...

Que faria o senhor, presidente, se fosse um alto executivo de um desses fundos e tivesse informações seguras de que a economia de um determinado país onde opera (dinheiro alheio) vai de mal a pior? Provavelmente – para não ser degolado pelos cotistas – trataria de repatriar todos os investimentos financeiros do seu fundo lá existentes. Cabe lembrar que a crise financeira asiática foi originada pelas disfunções reais da economia da Tailândia. Todos os investidores fizeram o que se esperava deles, no momento: trataram de, mesmo com altos prejuízos, liquidar suas posições. Como a grande maioria das economias dos tigres e dos seus filhotes apresentava distorções semelhantes, a crise se alastrou por quase todas...

E se o senhor, presidente, fosse o Tony Blair, o Schroeder ou mesmo o Bill Clinton, que resposta daria à proposta que fez?

Todos se basearam na mesma argumentação, mas, dentre eles, nenhum foi mais explícito no recado do que Bill Clinton: “... Considero natural que os investidores tirem os seus recursos dos países em que não confiam mais. (...) Reformas, é claro, devem ser feitas, mas, antes de tudo, os países precisam controlar suas políticas econômicas e ajustar as suas contas.”

Não citou o caso do Brasil por simples cortesia diplomática... Nem precisava.

O episódio, sr. presidente, felizmente já está superado.

Mas que o senhor não precisava passar por essa, ah, isso não precisava, não...